

MICROSCÓPIO

Sem govêrno!

Pela primeira vez em sua história a França inicia o ano sem govêrno! — tal era o título que encimava a primeira página dos jornais no dia primeiro de janeiro. Que catástrofe para aquele pobre país! — hão-de ter exclamado muitos dos leitores acostumados a ver, no Brasil, tudo defluir da presença material de um homem no poder.

Entretanto, vão as palavras, aqui, muito além dos fatos. Não há govêrno apenas no sentido técnico e restrito da expressão. O que se deveria dizer é que não há gabinete, isto é, não há ministros. O govêrno, no sentido amplo continua representado pelo poder legislativo e pelo poder judiciário, que não padecem a menor restrição, e o próprio poder executivo subsiste numa das suas peças essenciais, o presidente da República, cujo importante papel constitucional aparece então na sua plenitude. Deixou sómente de haver gabinete, mas a administração, que é o govêrno em ação, não cessa um só instante. Contesto é o depoimento dos viajantes: por mais aguda e prolongada que seja a crise ministerial, ninguém a percebe e o povo a ignoraria, se os jornais não noticiassem. Sendo a democracia o regime da lei, anda a máquina segundo as leis vigentes e de acôrdo com o impulso recebido, até que o novo govêrno lhe transmita impulso diferente.

Isto é, apenas, o que significa a crise de govêrno no sistema parlamentar. Representa apenas um período mais ou menos trabalhoso de adaptação, em busca de um melhor govêrno. É natural, porém, que com ela se impressionem os cidadãos das nossas repúblicas presidencialistas, para a experiência dos quais, mudança inesperada de govêrno é subversão e ausência, embora momentânea, de Govêrno é anarquia. Outro é o regime, outra a mentalidade, outros os conceitos.

RAUL PILLA

IRAI 5-1-1953.